

Juliana Lima Brito

Escritos sobre a fome.
divagações sobre um
vazio

Dedicatória

Dedico estes escritos para as mulheres incríveis que abriram meus olhos, meu caminho, que lutam diariamente para construir suas histórias e me ajudam a construir a minha:

às minhas avós, por resistirem frente a inúmeras dificuldades e por abrirem meu caminho para que eu pudesse ter o privilégio de estar aqui

à minha mãe, por ser incrivelmente admirável, batalhadora e uma das melhores pessoas que eu conheço e tenho privilégio de partilhar a vida

à minha irmã, por me ensinar cotidianamente, por me inspirar a ser uma mulher melhor e me dar tantos motivos para eu me orgulhar e acreditar em um mundo mais bonito

à minha orientadora, pelo apoio, afeto e por toda uma vida vivida compartilhada para além da academia

às minhas amigas, pela troca, escuta e companhia pela vida

e à todas as meninas e mulheres do coletivo Camará Calunga, pela partilha, pelos aprendizados e encontros cheios de força, resistência, intensidade e afeto

“me levanto
sobre o sacrifício
de um milhão de mulheres
que vieram antes e penso:
o que é que eu faço para tornar
esta montanha mais alta
para que as mulheres que
vierem depois de mim
possam ver além?”

(Rupi Kaur)

Agradecimentos

É bonito olhar para essa jornada, para esses escritos e perceber que por trás deles, há muitos rostos, histórias, encontros, aprendizados e descobertas... Por isso e por muito mais, agradeço imensamente a encontros verdadeiros que me trouxeram até aqui e que foram importantes para construir aquilo que sou e acredito. Eu gosto de um trecho de um livro chamado *Motim e destruição* agora que diz que “todo encontro recorta em nós um domínio próprio em que se misturam indistintamente elementos do mundo, do outro e de si” e é na mistura com essa gente, que eu me encontro, aprendo, me transformo e por isso, especialmente, agradeço.

Pai, obrigada por me ensinar que o único mundo possível é construído a partir da educação e que fazer aquilo que a gente acredita pode ser muito árduo, mas também é de uma coragem gigante, de uma beleza inexplicável e admiração sem tamanho. Mãe, você me ensina a ser forte e persistir na vida. Obrigada por me mostrar que as dificuldades fazem parte do caminho e podem ser transformadas em aprendizados, vivências incríveis e nos lembrar quem somos. Vocês têm toda minha admiração e me inspiram.

Fê e Gi. Carrego vocês por onde caminho e das poucas certezas que tenho, a maior delas é que a vida é mais bonita porque é dividida com vocês. Nossa irmandade me fortalece, me ensina e eu, que gosto tanto das palavras, acho que nem elas são suficientes para traduzir tamanho amor e felicidade ao olhar para o lado e enxergar vocês, caminhando junto, em todas as fases, por todos os cantos, longe ou perto.

Mafê. A vida me deu de presente nossa parceria e essa nossa força, que compartilhada, ecoou de tantos jeitos que não couberam só na academia e por isso, se espalharam e continuarão se espalhando por aí de muitos jeitos. Obrigada por me guiar, por estar junto e por compartilhar tantos afetos e momentos bonitos, muito nossos e cheios de intensidade.

Cássio, obrigada pelo apoio, escuta e parceria bem humorada ao longo desse processo todo.

Aos meus amigos e amigas... obrigada dividirem casa, comida, a vida, conversas, tantos momentos sinceros e pela amizade ao longo não só nessa jornada, mas em tantas outras que me trouxeram e contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Coletivo Camará Calunga. Aprendi, reencontrei, descobri, chorei e vivi intensamente um tanto de coisas que não cabem aqui a partir do nosso encontro e por isso, sou verdadeiramente grata a todos que cruzaram meu caminho. São muitos rostos, sorrisos, abraços e momentos que me veem à mente quando penso em vocês. Não à toa, porque dentre tantas coisas que aprendi... arrisco dizer que das mais marcantes delas foi perceber que existe uma força imensa no coletivo, no afeto compartilhado, na construção feita a partir de várias mãos e na luta diária pela dignidade humana. Não é fácil, muito menos simples, mas ela é necessária e é muito melhor se encontrar nessa luta e dividir as dores e as delícias dela com tanta gente de verdade. Por onde for, levo vocês, o que aprendi e o que vivemos juntos. Obrigada por tanto.

Tantos outros rostos, tantos outros encontros, tanta gente, tanta vida vivida, tantos aprendizados e descobertas que carrego aqui, agora e onde quer que eu vá.

E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas

E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar

É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração

Caminhos do coração (Gonzaguinha)

O que é a fome? É possível medir a fome? O que se faz com a fome? Um punhado de palavras soltas aqui se juntam em escritos a partir de perguntas como essas. Um punhado de experiências reunidas aqui tentam, de jeitos diferentes, refletir sobre essa mazela social construída e sustentada há milhares de anos pelo mundo inteiro. As palavras e experiências aqui escritas se costuram e não deixam de ser uma tentativa de entendimento sobre esse vazio desconhecido que a fome é para mim. Divagações em forma de poema, crônica, diário, artigo e história... divagações que me levam a uma ou outra conclusão e muitas outras perguntas. Descobri um pouco do que ela é a partir daqueles que tiveram olhares demorados para essa temática, a partir da escuta de histórias sobre esse vazio e dos lugares pelos quais caminhei. Descobri que medir a fome pode ser um dos jeitos mais cruéis e perversos de esconder que ela existe. Percebi que dia após dia nos ensinam a acreditar que ela é inevitável e distante e o quanto estamos cegos e paralisados. Sigo refletindo sobre o que fazer com ela diante do que vi, escutei e li...tenho muitas dúvidas e uma certeza: não existe fatalidade, a fome é uma decisão.

“Em uma mesa banquetes são oferecidos. Em uma mesa banquetes são organizados. Decididos. Em uma mesa, também, a fome pode ser decidida. Organizada. Organizam-se banquetes e fome. Decidem-se banquetes e fome. Não há fatalidade. A fome é uma decisão, como o banquete. A fome tem muitas causas, a falta de alimentos não é uma delas. A causa da fome é a riqueza e não a pobreza. Há guerras, sim. Há secas, gafanhotos, inundações, pragas. Mas a fome é uma decisão” (Peça fome.doc)

a fome existe

eu não sei o que é a fome
a verdadeira – e não essa que a gente fala como se conhecesse todo dia
não sei o que é existir e viver com esse vazio
que corrói aos poucos

não sei o que é a fome, sei o que é ter vontade
não sei o que é ter o direito de existir violado, sei o que é ter privilégio
não sei o que é não ter escolha
não sei

você sabe?
você sabe o que é ser humilhado por sentir fome?
você sabe o que é depender de um outro alguém para conseguir se alimentar com dignidade
enquanto a justiça brasileira faz piada sobre você?
você sabe o que é ter uma única refeição de verdade ao longo do dia e precisar dividi-la em
partes para conseguir sobreviver?
você sabe o que é sentir vergonha ao falar sobre esse vazio?
você sabe o que é dar de cara com a fome - aquela oculta, que ninguém vê e destrói aos
poucos... e não ser vista, não poder fugir?
você sabe? eu espero que não

eu não sei...
não faço ideia do que é essa dor invisível aos olhos de tantos

enquanto dizem do outro lado que a fome no Brasil não existe
enquanto a gente finge não saber que ao mesmo tempo que alguém morre de fome
um outro alguém enriquece e tira proveito disso tudo
enquanto a gente se nega e se acostuma

a fome existe
na rua, na cidade, no campo
por todos os lados
todos os dias

a fome existe
e mata mil pessoas em uma hora¹
uma criança menor de 10 anos a cada cinco segundos²
assassina todos os dias uma parte das pessoas no mundo todo

enquanto outra parte dele se acostuma e finge não saber
enquanto outra parte dele produz alimento suficiente para alimentar o dobro dos habitantes
e assume que a fome é só mais uma dessas mazelas, que a gente se compadece
dia sim, outro não – muitas vezes à distância – e não pode evitar

só que...

a fome existe
ela tem rosto
ela tem endereço
ela tem cor
ela tem raça
ela tem gênero

ela é amarga
ela é indigna
ela desumanizadora
ela humilha
ela destrói
ela mata – mais cedo ou mais tarde

a fome existe...

e o que eu faço com ela, além desse poema?

além do olhar triste ao esbarrar com ela na rua? além da revolta, que em momentos pulsa forte, se derrama por aí... depois vai se perdendo no dia a dia?

além do meu privilégio de um prato cheio e uma mesa farta?

o que eu faço além de custear um óleo, um macarrão e um molho de tomate quando ela me cutuca na fila do mercado? além da vaidade e do egoísmo? da vergonha de me acostumar?

além desse nó, desenrolado aqui, ao escutar essas dores desse vazio e enxergar esses rostos?

eu enxergo a fome de verdade? o que eu faço com ela?

a gente enxerga a fome de verdade? o que a gente faz com ela?

¹ CAPARRÓS, M. A fome. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016. 714 p.

² ZIEGLER, Jean. Destruição em massa: geopolítica da fome. São Paulo: Cortez, 2013. 336 p.

O menino dos olhos marcantes

Eu conheci Felipe em um desses dias que parece que nada de muito além do esperado vai acontecer, mas acontece. Já tinha cruzado o meu olhar com os olhos dele em um dia qualquer, mas não sabia o seu nome, não tinha escutado a sua voz e muito menos sabia qual era a sua merenda favorita. Tinha apenas guardado a cor da sua pele e seus olhos marcantes.

A primeira vez que ouvi alguém falar sobre ele foi quando uma das merendeiras da escola apontou e me contou que ele era um dos estudantes que costumava repetir a merenda e nunca deixava de comer. “Aquele ali é um dos que sempre repetem” “Qual?” “Aquele ali, ó”. Perguntei para conferir se ela estava apontando para o menino mirrado de olhos castanhos, pele bonita e cílios grandes que eu tinha notado em uma das outras tardes de terça feira que andava por ali. Era ele mesmo.

Não conheci Felipe naquele dia. Algumas semanas se passaram até que diante da vontade de querer me aproximar, em um impulso, decidi sentar ao seu lado no refeitório enquanto ele comia sozinho. Lado a lado, ombro a ombro em um refeitório branco, barulhento e cheio de crianças que comem em tempo recorde a merenda – porque não há escolha – descobri um pouco mais sobre aquele menino que até então só olhava de longe.

Ele não sabia nada sobre mim e eu também não conhecia nada sobre ele – nada que ele quisesse me contar. E foi a partir da comida que a nossa conversa se desenrolou. Quis saber se a merenda do dia estava boa. Tímido, ele respondeu que sim. Perguntei qual era a sua comida favorita e assim como outros estudantes, a resposta foi certa: almôndegas. Contei um pouco sobre a comida da minha escola para dividir algo sobre mim. E então, ele dividiu comigo algo sobre ele quando me disse *“Tem gente que diz que eu sou merendeiro, mas eu não ligo... é melhor do que passar fome”* enquanto pegava o último grão de arroz que tinha no prato, completamente vazio depois de comer rápido em um recreio mais do que atropelado.

“Tem gente que diz que eu sou merendeiro, mas eu não ligo... é melhor do que passar fome”, ele disse. Eu ouvi, calada. Em seguida, perguntei algo sobre os meninos que falavam isso sobre ele, ele respondeu... e seguimos, mas de algum jeito, a conversa parou ali, quando ele me contou um fragmento do que vivia dentro da escola – e fora dela, também. Felipe tinha fome e ter fome era condenável e passível de sentir vergonha para os olhos alheios.

Felipe carregava consigo o rótulo de merendeiro. O menino mirrado de olhos castanhos marcantes e cílios grandes sentia fome e queria dizer. Me disse, com uma naturalidade desnorteadora e com propriedade, que só tem quem sabe o que sente e o que vive. Felipe é uma entre tantas outras crianças que já sabia.

Eu que não entendia. Eu que, privilegiada demais, não tinha sequer dimensão do que era sentir na pele aquilo que ele me narrava – sigo sem ter. Quando me propus a tentar entender e pesquisar sobre a fome, não sabia muito bem o que esperar – até porque nada era bem definido. Sabia que não seria fácil e que não sabia de nada. Que seria necessário cuidado e que a alimentação seria o ponto de partida para chegar até o não alimentar-se. Não sabia que não precisaria de muito para chegar até a fome, nua e crua. Muito menos que encontraria Felipe no meio do caminho e que ele me ensinaria – entre tantas coisas – que a fome está ali o tempo todo. E que ela é vivida de tantos jeitos e dita quando se tem possibilidade de dizer.

Felipe sente fome. Felipe é do 6º B – a sala indesejada e mais difamada da escola – e não tem escolhas porque a injustiça social prevalece e todos os dias tiram dele as escolhas que ele deveria ter. Tiram o que é dele e de outras crianças por direito: uma vida digna, comida e proteção enquanto a todo tempo, é reproduzida e naturalizada uma humilhação que se perpetua e marca uma criança, um menino... como uma coisa só: “o merendeiro”, como alguém “problemático” demais para a escola, já que dá muito “trabalho”. Como se não existisse nada além disso, como se ele não fosse outras tantas coisas além daquilo que conseguem ou querem enxergar. Felipe é um menino de olhos marcantes com fome. Muitas fomes diferentes. Um menino que quer ser visto e que, principalmente, tem muito para dizer.

“Pede um PF pra ela”

Talvez se eu não tivesse escutado essa frase sair da boca de uma juíza, eu teria dificuldade de acreditar – por ingenuidade ou por não querer – mas eu escutei. E aí, que depois de uma tarde de um misto de sensações que me embrulharam, me fizeram cuspir aos ventos que nada funciona e repensar o que de fato a gente faz, eu paro e tento escrever e organizar tudo isso que me atravessa aqui. Talvez uma forma de reestruturar em meio a uma desorganização que vem, mostra os engasgos, o amargo de narrar e uma tristeza que se materializa no corpo e que vai sendo derramada, junto com revolta.

Hoje foi dia de uma audiência sobre pensão alimentícia. Caso de uma idosa que mora sozinha, tem dificuldade de manter a organização da casa e a rotina diante de algumas limitações (a principal: envelhecer) e que vem sendo ajudada por uma senhora, um pouco mais nova, para conseguir dar conta da vida, ou seja, da comida, dos remédios, de comer, do afeto. Uma história que eu me aproximei há pouco. Uma idosa, alguns filhos, histórico de negligência, abandono, suposta violência contra mulher e tudo isso que muitas dessas vidas que estão dentro do serviço de assistência especializada tem em comum: violações múltiplas. Desse jeito que não se sabe onde começa e muito menos onde termina.

Tudo já começa um pouco torto. Entro na sala e uma das pessoas pede para eu sentar no sofá. Estagiária. Uma audiência na semana anterior, com as mesmas pessoas e nenhum movimento diferente, já que não fui nomeada como estagiária no outro momento. Títulos e o que eles trazem com eles: poder. Ou a falta dele. Sento, tudo bem.

Audiência começa. A discussão ali se referia a um pedido de pensão alimentícia feito há quase um ano atrás para ajudar a custear o transporte da senhora para uma casa dia que trabalha na perspectiva de socialização de idosos. A tentativa era fazer com que cada filho contribuísse um pouco. São 6 filhos, nenhum deles com vínculo próximo, muita mágoa, muita história de abandono e de vivências traumáticas. Cada um com sua versão da história.

Primeiros são ouvidos: a advogada da defesa da senhora, a técnica do CREAS e a defesa de um dos filhos - o único que mora em Santos e que foi intimado, já que os outros ou não moram no Estado de São Paulo ou não tem paradeiro conhecido. A advogada da defesa da senhora começa a falar: da condição, da dificuldade de lidar, da complexidade, da questão

da pensão. No meio do discurso aparece que ela é geniosa, difícil de lidar e ao meu ver, uma angústia de não saber o que fazer em relação a um caso que foi repassado e há pouco apropriado. Conversa começa desse jeito um pouco “vomitado” e vai acontecendo de um jeito muito rápido: advogada faz a defesa do filho, que não possui vínculo, foi abandonado e não tem condição de custear gastos já que possui família e filhos, está desempregado e faz o que pode. Técnica do CREAS, expõe que na situação atual a casa dia não é mais uma possibilidade diante da piora do cenário, a situação dependente da senhora e a interdição que é a todo momento negada pela idosa. Um consenso que ela não consegue mais cuidar de si mesma sozinha e que precisa de ajuda, não podendo depender de uma senhora, de favores e dos filhos, já que não existiu vínculo e a história é perpassada por abandono. Consenso de que é necessário uma avaliação psicológica diante de toda a situação, de algumas atitudes complicadas e do entendimento que a interdição é um dos caminhos para chegar até a internação de longa permanência (e para isso, o parecer psicológico seria necessário). Consenso da articulação com o CAPS já que ela toma remédio psiquiátrico receitado por um médico neurocirurgião de outra cidade - que não a acompanha mais - e que pelo que indica de acordo com o que narra a senhora, nunca emitiu um parecer sobre o quadro ou pediu exames. Consenso de que o dinheiro que ela recebe não consegue arcar com tudo que ela precisa, já que o aluguel é pago e sobra pouco para alimentação e outros gastos. Consenso de que discutir a pensão alimentícia não faz sentido em um cenário que descarta a casa dia como finalidade e de que esse caso precisa ir para a Vara do Idoso, para desenrolar outras possibilidades. Ou seja, um emaranhado de coisas que a escrita de algum jeito não dá conta, porque é difícil de dar conta ali.

“Não adianta plantar mamão e querer colher abacaxi” diz a advogada.

“A minha concepção, que é minoria... é de que se não há vínculo... não existe a obrigação” diz o promotor.

A juíza pede para que o filho entre para ouvi-lo. Ele conta sua história e quase chora ao dizer que foi abandonado e entregue para uma tia para ser cuidado. Voz embarga, fala com mágoa que ainda existe ali, pulsante, muitos anos depois. Conta da família, do emprego, do que já fez para ajudar, diz que a mãe não tem amor e nunca cuidou dos filhos. Escuta dura de se fazer, porque foi muito mais dura de viver e porque escancara as dores.

Logo em seguida, a juíza pede para a idosa e a senhora entrarem. Questiona a senhora sobre o que ela pensa sobre a situação da idosa, se ela consegue se cuidar sozinha, o quanto ela ajuda e o que ela precisaria. Enquanto isso, a idosa chora um pouco, fica em silêncio, fica nervosa, diz que queria os filhos e se acalma. Escuta que também é dura, porque a idosa não é escutada e porque também escancara dores.

Mãe e filho não são escutados ao mesmo tempo, porque seria ainda pior para todos dali. E com o fim das perguntas, é retomada a conversa sobre a situação e possibilidades. Na verdade, retoma-se na maior parte do tempo o que se pensa sobre o caso e julgamentos pessoais, porque quando alguém diz que não se colhe abacaxi plantando mamão, pressupõe-se uma lógica de que ela está colhendo o que merece, não o que se configura a partir da política pública enquanto direitos, responsáveis pela garantia de uma vida digna, acima de tudo. Quando se assume uma posição que é minoria ao pensar sobre uma questão social e é colocada como “a minha posição” diante do cenário, pressupõe-se que um julgamento pessoal se sobrepõe ao papel do Estado. Ou seja, eu decido pela vida do outro. Eu tenho esse poder e me sinto no direito de poder olhar para o outro e julgar, apontar, determinar. Sou eu que entendo os limites do que é ou não aceitável, daquilo que consigo suportar ouvir e lidar, não o que os direitos humanos prevêm ou que as leis garantem.

E se ela teve 6 filhos com 6 homens diferentes? E se ela não quis ser mãe e não assumiu esse papel? E se ela finge querer o afeto dos filhos, mas quer o dinheiro? E se ela for essa pessoa e tiver feito tudo isso que os filhos dizem? Por isso ela pode ser julgada, sem investigação e sem mais informações sobre o caso? Por isso podem olhar para a complexidade dessa situação de forma simplista e acusatória? Por isso é aceitável que ela seja privada de direitos básicos, do acesso a políticas públicas e de uma vida digna?

A idosa vive pagando aluguel, em um quarto no Rádio Clube. O aluguel consome a maior parte da sua renda e nesse mês que passou, o relato é de que sobrou 120 reais para custear outros gastos. Ou seja, não foi suficiente para a “mistura” e nem para o uber que a senhora pagou para chegar até ali. Ela não tem acesso à uma alimentação adequada e digna, como pressupõe o direito à alimentação adequada. E tudo isso pouco importa para algumas pessoas que estão discutindo uma questão de pensão alimentícia ali. Não se articula cestas básicas, não se reflete sobre envelhecer em um país que não está preparado para o envelhecimento da sua população, não se pensa sobre o papel do Estado diante dessa conjuntura, não se pensa as falhas que aconteceram até ali para que a situação chegasse a esse

ponto, não se pensa sobre a demora da audiência e a piora do quadro, sobre a ausência do carro da prefeitura para o deslocamento até a casa dia – que se localiza entre o canal 1 e 2 da cidade e está longe dos morros, dos territórios vulneráveis e periféricos, sobre acesso à educação e o trabalho que é precarizado quando se chega na vida adulta pela falta dela, sobre a possibilidade de adoção quando não se quer ser mãe, sobre o quanto o aborto é cheio de tabu e perpassado por questões religiosas e o quanto essa questão afeta a vida de milhares de crianças indesejadas que não pediram para nascer (mas que muitas vezes pedem para morrer diante de um cenário de mazela ou que são assassinadas, porque depois que nasceram, voltam a não valer nada), não se pensa sobre o direito à alimentação adequada e a fome.

Não se pensa sobre o direito à alimentação adequada e a fome. Se faz piada sobre eles, quando a juíza, no fim da audiência, diz para advogada de defesa “*Pede um PF pra ela, todo mundo gosta de batata frita*” e ri. Risada que eu acompanho incrédula e com desgosto. Porque existe a concepção de que foi feito o que era possível, porque o sono e a consciência estão tranquilos diante de uma situação complexa, já que “não dá para colher o que você não plantou”, porque se ganha muito dinheiro para fazer isso, porque a vida da idosa é descartável e ela nem é escutada, porque o filho segue com a dor e as marcas do abandono sem apoio, porque a fome dói e ninguém vê, porque eu fico calada diante de tudo isso, porque a injustiça social não tem fim e a gente é vencido por ela o tempo todo – nesse lugar de privilégio, de conforto e do desconhecimento ou do conhecimento teórico – sem nem saber o que é experienciar na pele tudo isso, sem ter dimensão do que é ser invisível e humilhado socialmente ao ponto de rirem de você e considerarem sua existência menos importante do que as outras.

E aí que escrever sobre Gabriel*, nesse momento, perde o sentido. Porque Gabriel é minoria. Porque ele é um retrato pequeno dentro de um mar de pessoas – que sofrem, têm direitos violados e precisam ser cuidadas, como Gabriel precisa e tem o direito – mas que não tem acesso a lugares que se propõem a pensar sobre educação como ele tem e que estão, hoje, mais submetidas a decisões técnicas e judiciárias que perpassam o âmbito pessoal, o julgamento, um “ideal” de pessoa, de gente, de cidadão que só o pobre tem que cumprir perante a lei. Porque para ele não existem direitos, que deveriam se materializar segundo o cumprimento de uma constituição e de tudo aquilo que a política pública prevê. Porque ao pobre não resta escolha senão viver nesse cenário de injustiça social. Resta o extermínio, a humilhação social, a miséria, o analfabetismo, a fome parcial e a fome total, a violação do

direito à alimentação, a meritocracia e a crença de que “Deus proverá”, como disse a idosa, porque se não for ele, não existe outro alguém que seja misericordioso o suficiente para olhar para o sofrimento e acolhê-lo.

Gabriel foi escutado. Foi acompanhado até o Restaurante escola, onde conversamos sobre as possibilidades e escutamos o que ele pensa sobre elas, mostrando caminhos possíveis sem impor ou julgar o que é melhor para ele. Pensamos juntos quais cursinhos podemos articular e pedirmos apoio diante da sua limitação física. Fizemos o que deveria ser feito: oferecer apoio, conversar sobre o que se passa com ele, sobre o que ele deseja, em uma posição que pratica a horizontalidade, priorizando a escolha dele acima de tudo. A autonomia de um sujeito que pode e deve fazer suas escolhas. E aí, que me pego há alguns dias pensando o quanto o caso dele é mais “simples” de lidar e no quão difícil é atuar nessa perspectiva diante dos cenários, redes e instituições que assumem uma posição totalmente contrária em relação a idosas vivenciando o processo de envelhecimento, pessoas sem formação básica, analfabetas, vistas e taxadas como “rebaixadas”, a jovens que cumprem medidas socioeducativas, mulheres que são espancadas e quase mortas pelos seus companheiros em ciclos de violência que duram anos. Eu não deveria escrever sobre Gabriel como se fosse um caso raro. Primeiro, porque deveria ser o básico: não desumanizar o sujeito, considerar pessoas como seres humanos, como titulares de direitos responsáveis por garantir uma vida digna. E segundo, porque hoje não dá para escrever senão a base daquilo que me toca, dos sentimentos à flor da pele e da revolta.

*Nome fictício para preservação da identidade.

O direito à alimentação adequada está contemplado no artigo 25 da Declaração Universal dos Direitos Humanos e se realiza quando existe o acesso físico e econômico à alimentação adequada e a formas imprescindíveis para sua obtenção de forma ininterrupta. Ou seja, quando as pessoas possuem acesso à alimentação adequada regularmente, sem que fatores econômicos ou quaisquer outros fatores impossibilitem elas de se alimentar adequadamente. O DHAA possui duas dimensões: estar livre da fome e o acesso ao direito humano à alimentação adequada e essas dimensões são entendidas como indispensáveis para a garantia de outros direitos humanos. No Brasil, esse direito representa uma conquista social e é garantido desde 2010, pela Constituição cidadã de 1988. Ou seja, é um direito muito

recente na trajetória de um país enorme que historicamente enfrenta a problemática da fome, em suas mais diversas regiões.

Flávio Valente¹ entende que a luta pelo DHAA se inicia pelo combate à fome, mas não se limita a ele e que sem o DHAA, não há direito à vida. A alimentação se constitui, para o autor, como um fator importante no fortalecimento da dignidade e saúde mental do ser humano e ele entende que experienciar a fome, corresponde a uma experiência de desumanização do sujeito. Leão e Recini² pontuam que a violação do DHAA ocorre quando não existe acesso regular a alimentos de qualidade, quando as pessoas precisam recorrer a locais insalubres como lixões para se alimentarem ou não possuem acesso às condições de moradia dignas, água potável e saúde, por exemplo. Ou seja, esse direito está intrinsecamente relacionado a outras dimensões da vida dos sujeitos e se mostra imprescindível, porque afinal: como se vive com fome? quais as implicações de viver uma vida, em que um direito básico lhe é negado?

Josué de Castro e Jean Ziegler são dois autores importantes no que diz respeito ao estudo da fome e ambos ao longo de suas obras denunciam o caráter sociopolítico desse fenômeno e a invisibilização em torno do mesmo. Castro³ pontua que a fome não é justificável e Ziegler⁴ que ela não é uma fatalidade; ambos entendem que esse fenômeno é produto de uma sociedade desigual e de interesses políticos e econômicos.

Sentir fome e ter o direito à alimentação adequada violado são experiências que desumanizam o sujeito e por ser um tema invisível enquanto problema político na sociedade, coloca sujeitos que não têm o que comer, que necessitam procurar alimento no lixo, que dependem da merenda para o sustento, que não têm acesso aos alimentos que gostariam por conta de questões financeiras em condição de humilhação, de inferioridade e de rebaixamento em relação àqueles que possuem esse acesso. De acordo com Gonçalves⁵:

“Humilhação social apresenta-se como um fenômeno histórico, construído e reconstruído ao longo de muitos séculos, e determinante no cotidiano dos indivíduos das classes pobres. É expressão da desigualdade política, indicando exclusão intersubjetiva de uma classe inteira de homens do âmbito público da iniciativa e da palavra, do âmbito da ação fundadora e do diálogo, do governo da cidade e do governo do trabalho. Constitui assim, um problema político.”
(p. 63)

Pensar no caso dessa idosa, que tem dificuldade de ter acesso à alimentação por conta de questões financeiras e pelo que indica, depende de outras pessoas para que esse acesso se realize, significa pensar sobre as diversas formas de expressão da violação do direito humano à alimentação adequada. Significa pensar sobre uma problemática que é invisibilizada cotidianamente e não é entendida como produto de uma construção historicamente desigual. Também significa pensar sobre a humilhação social, que é reproduzida cotidianamente por meio de “piadas” e por figuras que representam o Estado e deveriam, na verdade, ocuparem posicionamentos que garantissem esses direitos. O autor⁶ também pontua que:

“Humilhação é humilhação social. Corresponde à experiência pela qual perdemos um traço ou sentimento dele. Um traço de humanidade tem sua experiência impedida. Um impedimento que não é natural ou acidental, mas aplicado ou sustentado por outros humanos. Ninguém haverá, impedido assim, que não viva esse impedimento como uma diminuição ou como uma condição inferior.” (p. 194)

Quando a juíza, em tom descontraído, no final da audiência diz à advogada, “pede um pf para ela”, ela está reproduzindo e sustentando uma humilhação que além de se materializar na falta desse direito, também se materializa na inferiorização de uma questão relativa a humanidade dessa vida. E a grande questão nisso tudo é que todos nós sustentamos e somos coniventes com processos de humilhação social que acontecem todos os dias. Todos nós fechamos os olhos para violações do direito à alimentação e para a fome - que é a expressão mais dura e cruel da desigualdade e injustiça social; passamos reto por àqueles que por não tem o que comer, que vasculham os lixos, nos pedem esmola nas ruas e seguimos nossas vidas como se nada tivesse acontecido, como se espalhadas pelo nosso país e pelo mundo todo, pessoas não morressem por não ter o que comer enquanto a produção de alimentos dá conta de alimentar o dobro de habitantes do planeta terra. Todos nós somos responsáveis por essa mazela social histórica que cotidianamente, mata um pouco mais o ser humano, a humanidade e a dignidade de cada um. E precisamos nos lembrar disso.

¹VALENTE, F. *Direito Humano à Alimentação desafios e conquistas*. 1ª ed. São Paulo, Cortez Editora, 2002, 272 p.

²LEÃO, M; RECINI, E. *O direito humano à alimentação adequada e o sistema nacional de segurança alimentar e nutricional*. Brasília: ABRANDH, 2013. 263 p.

³CASTRO, J. *Geografia da Fome*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

⁴ZIGLER, J.; Prefácio; In: VALENTE, F. *Direito Humano à Alimentação desafios e conquistas*. 1ª ed. São Paulo, Cortez Editora, 2002, 272 p.

⁵GONÇALVES, J. M.; A invisibilidade pública;. In: COSTA, F.B. *Homens invisíveis: relato de humilhação social*. São Paulo, Globo, 2004.

⁶GONÇALVES, J. M Humilhação Social: humilhação política; In SOUZA, B. P. *Orientação à queixa escolar*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

um artigo

Fome e humilhação social na escola: interfaces da desigualdade social

Resumo

O que é a fome? Como ela se expressa e quais implicações produz no cotidiano escolar? A partir da observação participante de encontros realizados com docentes, diretores, merendeiras e estudantes e do momento da refeição de uma escola pública localizada em território periférico da Baixada Santista, este artigo trata da temática da fome e de uma de suas consequências – a humilhação social. As reflexões abordam as marcas e significados da merenda, além das implicações da humilhação no cenário escolar. Vivenciar a fome e experiências de humilhação correspondem a interfaces da desigualdade social e produzem implicações na subjetividade dos sujeitos, na construção e no exercício de sua cidadania. A escola é um espaço de exercício cotidiano da cidadania e a luta contra fome e o fortalecimento do direito à alimentação adequada no cenário da escola demanda a participação ativa e coletiva dos estudantes e da sociedade.

Palavras chave: fome; humilhação; escola; direito; cidadania

Mitos que contam histórias

Quem é brasileiro provavelmente já ouviu mais de uma vez alguém dizer “não pode tomar leite com manga”, “leite com manga faz mal”, “vai dar dor de barriga” e por aí vai... Gerações e gerações escutaram e escutam ainda hoje que essa combinação pode fazer muito mal para aquele que a experimentar. Eu nunca desconfiei o porquê ou me questioneei sobre isso. Sempre tomei suco de maracujá com leite...mas leite com manga? Nunca nem tentei. Lendo Josué de Castro descobri em *Geografia da Fome*¹ que essa ideia passada de geração a geração não passa de um mito construído no Brasil Colonial.

Josué de Castro peregrinou pelo Brasil de Norte a Sul buscando entender a fome, conheceu os regimes alimentares de cada região, desvendou naturalizações e revelou faces injustificáveis desse fenômeno que até hoje temos dificuldades de enxergar. Explorando o Nordeste Açucareiro ele descobriu que a combinação proibida de leite com manga, assim como muitas outras, é produto de um processo histórico e nada mais é do que um dos mitos criados pelos donos dos engenhos para impedir com que os escravos tivessem acesso à alimentos.

Leite com manga, fruta com álcool, cana verde... Todas essas combinações e muitas outras se consolidaram como superstições alimentares inventadas pela elite que, cada dia mais obesa diante da dieta cheia de alimentos como bolos, pamonha, açúcar e leite, se negava a partilhar os alimentos daquela terra com a população negra. Ou seja, com aqueles que nos latifúndios, senzalas e terras nordestinas produziam toda a riqueza gerada a partir da cana de açúcar, sem poder usufruir dela. Castro pontua que essas proibições sem fundamentos biológicos foram responsáveis por fazer com que os escravos negros e (posteriormente os moradores das terras nordestinas) se afastassem do consumo de frutas e que “esses tabus se constituíram como uma espécie de policiamento moral que os proprietários mantinham para defesa dos seus bens”.

Esse mito, que perdura até hoje nos mais diversos espaços do Brasil, mostra o quanto o acesso à alimentação historicamente é desigual e pautado pela falsa inclusão da maior parte da população brasileira. No decorrer do regime escravocrata a população negra escravizada

era abastecida de uma dieta pobre em variedade e baseada em alimentos como farinha, feijão, milho e toucinho em grandes quantidades (e não qualidade), visando maior produtividade no trabalho braçal. A partir do momento em que a abolição foi conquistada, essa população passou a ter ainda mais dificuldade de acessar alimentos na mesma quantidade em virtude dos altos preços, baixo salário, da negligência diante de tamanha violência cometida e das inúmeras consequências materiais e imateriais que a escravização provocou e provoca até hoje.

Traspadini ao escrever sobre a fome, o analfabetismo e o racismo no Brasil pontua que juntas essas problemáticas “compõem a engrenagem violenta da produção política de um grupo sobre todos os demais”². Ou seja, elas foram construídas e são legitimadas cotidianamente para consolidar o poder de uma parte da população privilegiada historicamente (a partir de processos violentos e de escravização dos povos) em relação a sua maior parte, incluída perversamente ao longo da história do país. O mito da combinação leite com manga, despretensiosamente, se mostra simbólico no que concerne o acesso à alimentação e demonstra o quanto a existência da fome é uma espécie de ferramenta utilizada para realizar a manutenção de um sistema que para produzir a riqueza de poucos, se fundamenta na desigualdade.

Os dados atuais que discorrem sobre a insegurança alimentar no Brasil escancaram as relações históricas entre raça, pobreza e fome. Ainda que insuficientes para dimensionar o tamanho dessa problemática, eles ajudam a pensar sobre diversas relações que são intrínsecas à ela. De acordo com o Panorama de la seguridad alimentaria y nutricional en América Latina y el Caribe³, quem mais vivencia a fome são pessoas com baixa renda, mulheres, povos indígenas, afrodescendentes e famílias rurais. Os dados também apontam que a fome é mais presente entre as mulheres do que em relação aos homens. Ou seja, a fome tem cor, raça, classe e gênero.

Carolina Maria de Jesus escancarou a realidade perversa da fome em seus diários que deram origem ao livro "Quarto de Despejo"⁴. Nos cadernos despejava aquilo que doía e que não tinha lugar: a dor da fome e da pobreza. Em sua casa, localizada na favela do Canindé, escrevia sobre o dia a dia de uma mulher pobre, negra, mãe e moradora de uma das primeiras favelas da cidade de São Paulo. Sua história se assemelha a de muitas mulheres negras brasileiras que vivenciam a fome e possuem dificuldade para acessar alimentos: são mães

solo, moram nas periferias, são pobres e precisam resistir cotidianamente frente a um sistema que as oprimem e violam seus corpos cotidianamente.

Em seu livro, Carolina narrou a dureza da fome, as dificuldades vivenciadas no território, a dor diante da impossibilidade de não possuir alimento suficiente para o sustento de si e dos filhos e trouxe à tona as diversas sensações e consequências concretas e diárias que a fome provoca. Leitora assídua e escritora de grande relevância para a literatura nacional, Carolina Maria de Jesus é uma das mulheres brasileiras que a partir de uma literatura de denúncia, dá visibilidade para o tema por meio de uma escrita simples, direta e preciosa a partir da sua história e experiência.

Josué de Castro e Carolina Maria de Jesus denunciam, a partir de suas obras, que a fome não é mero acaso do destino. Mostram que aqueles que lidam com a fome diariamente vivenciam uma gama enorme de consequências, que são invisibilizadas e desconhecidas por aqueles que não sabem o que é não possuir alimento ou possuir, de forma insuficiente e sem qualidade. Demonstram a importância de olhar para a fome brasileira a partir de suas particularidades e raízes, o que inclui necessariamente, discutir sobre o racismo e suas mais diversas faces. Carolina disse que viu a cor da fome e que era amarela. De acordo com os dados a fome tem cor preta também, tem raça, classe e gênero. Tem características singulares em cada região do país por trás e tem pouco espaço para discussão e escuta sobre essa problemática tão presente cotidianamente na vida da população brasileira... Afinal, não é à toa que o mito da manga com leite ainda hoje percorre o Brasil adentro e sua raiz e história é, muitas vezes, desconhecida.

¹ Castro, J. (1984). *Geografia da fome: O dilema brasileiro pão ou aço*. (10ª ed). Rio de Janeiro: Antares.

² A fome, o analfabetismo e a questão racial nas raízes do Brasil. Matéria Le Monde Diplomatique Brasil. Escrita por: Roberta Traspadini.

<https://diplomatique.org.br/a-fome-o-analfabetismo-e-a-questao-racial-nas-raizes-do-brasil/>

³ FAO, OPS, WFP y UNICEF. 2018. Panorama de la seguridad alimentaria y nutricional en América Latina y el Caribe 2018. Santiago.

⁴ Jesus, C. M. (2014). *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. (10ª ed). Rio de Janeiro: Antares. (10ª ed). São Paulo: Ática.

Sofia e a descoberta de um direito

“Sofia e a descoberta de um direito” nasce de um encontro com um menino de olhos marcantes e de incômodo insistente em uma madrugada de escrita. Escrevendo sobre a discussão do meu projeto de iniciação científica, descobri que o que eu vinha aprendendo não cabia ali. Precisava de mais espaço, de outros formatos, de uma liberdade criativa que fugia aos moldes do que a academia me pedia naquele momento... e acima de tudo, precisava dialogar com aquelas que fizeram com que minha pesquisa fosse possível: as crianças. Abri um novo arquivo e assim rascunhei, sem pensar muito e sem saber o que aconteceria a partir dali.

Deixei esse rascunho guardado por semanas... sem saber direito o que fazer e se seria possível concretizar essa ideia. Até que um dia decidi, despreziosamente (mas não muito), procurar pela internet alguém que fosse capaz de dar cara para a Sofia que tinha em mente. Como quem não sabe muito bem o que encontrar, fui procurando e encontrei uma mulher talentosa que estava disposta a construir junto comigo o passo a passo dessa pequena história. Conversa vai, conversa vem... Dúvidas pelo caminho e finalmente a decisão, afinal: por que não tentar? Embarquei nessa ideia, compartilhei um pouco sobre a minha experiência na escola e a partir disso, obtive o apoio e o financiamento coletivo de pessoas que apostaram naquilo que eu acreditava.

E assim, segui. Aos poucos, porque os detalhes pediam tempo, cuidado e porque o processo de fazer com que Sofia fosse além da minha imaginação, ao mesmo tempo que era divertido, dava trabalho. Qual estilo? Quais as características das personagens? Quantas ilustrações? Livro ou quadrinho? Qual fonte? Quais cores? Mensagens, email-s, ligações por vídeo e áudios ganharam espaço e tempo ao longo dessa construção.

Desde o início eu sabia que era Sofia. Sabia que Sofia conversava com sua avó, jovem e inteligente, na cozinha de sua casa. Sabia que ela era uma menina curiosa e esperta, assim como muitas meninas com as quais cruzei ao longo das andanças pelos territórios da escola e de São Vicente. Sabia que elas seriam negras, porque afinal, a maior parte das meninas com as quais cruzei são e o intuito era de que elas se sentissem representadas de algum jeito a

partir do traço, do cabelo, da cor, da história, da presença avó ou da do diálogo sobre a merenda...

Aos poucos, fui entendendo junto com a ilustradora quais eram as dificuldades de brincar de construir uma história a partir de um desconhecimento no que diz respeito ao design de personagens negras e da importante tarefa de não cair no estereótipo comum de tia Anastácia, de uma avó irreal e de uma história distante ou sem sentido.

Sofia passeou por vários estilos, foi tomando forma e crescendo aos poucos, com cuidado... e nasceu. E só nasceu porque eu encontrei um menino de olhos marcantes pelo caminho que me contou sobre a sua experiência na escola e sobre o estereótipo de “merendeiro” que lhe atribuíram por se alimentar da merenda e sentir fome. Só nasceu porque a partir daquela conversa curta, que tive com ele no banco do refeitório, eu percebi que aquela conversa tinha ecoado em mim de muitos jeitos e provocado afetos que precisavam virar movimento.

Encontrar com ele deu um rumo inevitável para a minha experiência, me impulsionou a embarcar nessa ideia e construir essa história. No meio do caminho, até cogitei seguir por outros rumos, escrever sobre outras tantas coisas que pulsavam na escola... mas não eram essas outras coisas que pulsavam em mim e eu não tinha como fugir. Eu precisava escrever a partir daquilo que me afetava e que me fazia querer me movimentar.

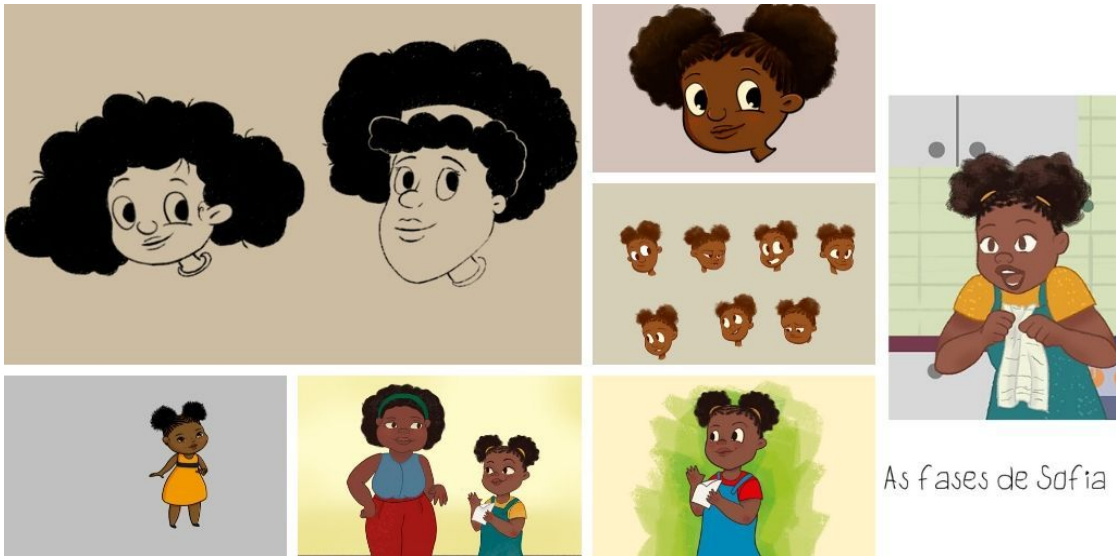
Sofia e a descoberta de um direito é uma história que nasce nesse cenário, por essas razões e é uma história que me ensinou um tanto de coisas (que não cabem aqui) sobre fome, sobre enxergar o outro, sobre fazer pesquisa de um jeito que eu acredito, sobre a merenda... Desde quando existe a merenda? Por que ela foi criada? Como era antes? Por que a merenda não pode ser pizza? Sofia e sua avó, nessa história, se propõem a responder essas perguntas. Eu só descobri a resposta de algumas delas a partir dessa pesquisa. E assim como eu descobri, eu quis contar... Eu sentia que eu precisava, de algum jeito, colocar o meu afeto pra fora e fazer da minha experiência, algo comum. Fazer do meu incômodo um instrumento de diálogo com as verdadeiras pessoas que fizeram parte do meu trajeto de pesquisa e para as quais ela precisava retornar.

É uma história simples que busca poder criar espaço de conversa, informar, entreter, inspirar quem quer que seja e quem sabe... ser instrumento de fortalecimento do direito à alimentação adequada e de enfrentamento a concepção assistencialista que historicamente atravessa o Programa Nacional de Alimentação Escolar brasileiro e consequentemente, afeta

os estudantes que tem a escola como um lugar de estudar e de comer e a merenda enquanto complementação à sua alimentação diária diante de um contexto de um país desigual, que não garante o direito a uma vida digna para uma parcela enorme de sua população.

Um arquivo chamado “Quadrinho merenda” virou “Sofia e a descoberta de um direito”. Uma ideia sem tanta forma e rosto... virou um livrinho, com a cara de Sofia. Uma experiência de pesquisa virou pauta da assembleia comunitária, realizada dentro da escola, em uma quarta feira a noite do dia 23 de outubro de 2019. E entre adultos, jovens e crianças... lemos juntos essa história que não é só minha. Escutamos duas meninas que se dispuseram a ler em voz alta e brincaram de ser Sofia e sua avó, rimos... E conversamos sobre a merenda da escola, sobre como é e o que é necessário para fazer um livro e sobre o que a gente faz com aquilo que a gente aprende.

Nesse dia eu escutei das meninas: “Me entreti com o livro”. “Eu quero um” “Quero fazer um livro também” e ali, mais ainda, eu soube o que eu já tinha certeza: valeu a pena. Eu, que não achava que pesquisa era algo que fazia tanto sentido pra mim, que achava que não caberia na rigidez dos métodos e prazos... descobri um jeito de fazer pesquisa que faz meus olhos brilharem e me afeta, descobri um jeito de fazer pesquisa que eu acredito. Descobri, outra vez, o aprendizado mais valioso que tive ao longo dos cinco anos dessa jornada: é pra isso que eu quero que o meu título de psicóloga sirva... para ver com olhos atentos, para escutar, para possibilitar diálogo, para tentar transformar o que incomoda, para denunciar, para inspirar, para fazer ver o tanto que se pode fazer a partir de uma experiência qualquer que produz afetos, faz querer movimentar e viver uma vida vivida... por meio da presença verdadeira, do olhar, da escuta, da escrita e qualquer outra forma afetada com o outro e com o mundo, que verdadeiramente faça sentido.



As fases de Sofia



Assembleia comunitaria



O fim desses escritos não traz nenhuma conclusão completa e muito menos alguma verdade única sobre esse tema complexo que é a fome. Aqui, existe um tanto de palavras reunidas que tentaram contar sobre uma experiência, sobre dúvidas, sensações e encontros que se desdobraram a partir dela, em suas mais diversas fases. Olhar para a fome, estudar, conversar, pesquisar sobre ela... me atravessou de muitos jeitos e desdobrou desde um poema melodramático até uma história infantil. Se desdobrou de jeitos que não cabiam só nos moldes de um artigo científico e por isso, estão aqui. Estes escritos são testemunha de uma experiência vivida a partir da afetação com o outro, com o que existia em mim e com aquilo que acontecia diante dos meus olhos e por essas e muitas outras razões, as palavras não poderiam ser escritas de outra forma, senão assim: afetadas demais.

É a partir de inúmeros afetos diferentes que escrevi, aprendi e me deixei ser. Li há um tempo atrás um trecho de um livro que diz que não é a verdade que dá sentido a escrita, mas a experiência e que a escrita é uma tentativa de traduzir as experiências em palavras e se modificar a partir delas. E é isso que esses escritos se propõem a fazer... não se propõem a conclusões completas e nem a verdades únicas, porque são o que são: a minha experiência traduzida em palavras e a minha tentativa singular de me transformar e aprender, a partir delas.

“Escrever é um ato de vida, um ato de fazer viver, de poder estar viva e de lutar pela vida e por tudo aquilo que é vivo.”

Eliane Brum